



Entrevista

**REPRESENTANDO A REPRESENTATIVIDADE:
IDENTIDADE E GÊNERO NO TEATRO
BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO**

*REPRESENTING THE REPRESENTATIVENESS:
IDENTITY AND GENDER IN THE CONTEMPORARY
BRAZILIAN THEATRE*

*REPRESENTACIÓN DE LA REPRESENTATIVIDAD:
IDENTIDAD Y GÉNERO EN EL TEATRO
BRASILEÑO CONTEMPORÁNEO*

**Urbano Lemos Jr. e
Vicente Gosciola**

Urbano Lemos Jr.

Doutorando em Comunicação pela Universidade Anhembi Morumbi. Atualmente desenvolve pesquisa sobre identidade cultural, digitalização de patrimônios imateriais e documentários transmídia. E-mail: urbano.lemos@hotmail.com.

Vicente Gosciola

Pós-doutor pela Universidade do Algarve-CIAC, Portugal. Doutor em Comunicação pela PUC-SP. Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi. Diretor do projeto @juleitacapuleto que por meio da adaptação transmídia da peça Romeu e Julieta, de William Shakespeare, reconta a história com personagens transgêneros.

Resumo

Nota-se, atualmente, um aumento significativo na quantidade de personagens transgêneros em filmes, séries e novelas. No entanto, essas representações são, quase sempre, entregues a atores cisgêneros. Renata Carvalho, atriz trans que estrela a peça *O Evangelho segundo Jesus, Rainha do Céu*, enceta um manifesto contra essa prática. Para ela, a ideia é promover uma reflexão, fazer com que atores cisgêneros entendam a causa e não aceitem papéis que poderiam ser representados por artistas transgêneros.

Palavras-chave: Abjeto, Censura, Entrevista, Inclusão, Transgênero.

Abstract

Currently, the number of transgender characters have significantly increased in movies, series and novels. However, these representations are almost always delivered to cisgender actors. Renata Carvalho, transgender actress starring *The Gospel According to Jesus, Queen of Heaven*, starts a manifest against this practice. For her, the idea is to promote a reflection, to make cisgender actors understand the cause and with that do not accept roles that could be represented by transgender artists.

Keywords: Abject, Censorship, Interview, Inclusion, Transgender.

Resumen

En la actualidad, la cantidad de personajes transgénero aumentó significativamente en películas, series y novelas. Sin embargo, esas representaciones casi siempre se entregan a los actores cisgénero. Renata Carvalho, actriz trans que estrelló la pieza *El Evangelio según Jesús, Reina del Cielo*, inicia un manifiesto contra esta práctica. Para ella, la idea es promover una reflexión para que, actores cisgénero entiendan la causa y con eso no acepten los papeles que podrían ser representados por artistas transgénero.

Palabras clave: Abyecto, Censura, Entrevista, Inclusión, Transgénero.

Introdução

Não se trata de, simplesmente, se opor ao centro e, menos ainda, de aspirar a ser reconhecido por ele. Esses sujeitos não buscam ser “integrados”, “aceitos” ou “enquadrados”; o que desejam é romper com uma lógica que, a favor ou contra, continua se remetendo, sempre, à identidade central.

Assumem-se como estranhos, esquisitos, excêntricos e assim querem viver – pelo menos por algum tempo, ou melhor, pelo tempo que bem lhes aprouver. (LOURO, 2007, p. 8)

Em setembro de 2017, a peça *O Evangelho segundo Jesus, Rainha do Céu*, da atriz transgênero Renata Carvalho foi censurada na cidade de Jundiaí, interior de São Paulo. A decisão judicial proibiu a exibição do espetáculo que seria apresentado no Sesc Jundiaí, justificando que figuras religiosas e sagradas não podem ser “expostas ao ridículo.” No mês de outubro a peça foi novamente proibida pela Justiça de realizar sua segunda sessão no Espaço Cultural Barroquinha, em Salvador. A decisão partiu de uma liminar da 12ª Vara Cível de Salvador.

O monólogo de autoria da dramaturga escocesa transgênero Jo Clifford traz Jesus Cristo à contemporaneidade na pele de uma mulher trans. A peça reconta conhecidas histórias bíblicas para propor uma reflexão sobre a opressão e a intolerância sofridas por transgêneros e outras minorias, além de reiterar valores cristãos como amor, perdão e aceitação.

Em entrevista, Renata Carvalho fala sobre representatividade, identidade e gênero no teatro brasileiro. Segundo a atriz, “quando uma determinada população não se vê e não se sente representada a sua existência passa ao longo dos anos se desnaturalizando, sendo algo incomum, se desumanizando, tornando estranho, desconfortável e não real.”¹ e destaca a importância de políticas de inclusão para grupos minoritários.

De acordo com Butler (2003, p. 39), a questão de gênero é um tema político de “direito instituído pelas leis culturais;” haja vista que

a matriz cultural por intermédio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de “identidade” não possam existir – isto é, aquelas que o gênero não decorre de sexo e aquelas em que as práticas do desejo não “decorrem” nem do “sexo” nem do “gênero.”

A atriz é uma das fundadoras do Movimento Nacional de Artistas Trans (Monart) que trabalha em prol da representatividade trans por meio de Coletivo T, formado integralmente por artistas trans. De acordo com Renata

1. Entrevista concedida a Urbano Lemos Jr. e Vicente Gosciola no dia 19 de janeiro de 2017.

Carvalho, é imperativo o debate sobre identidade no teatro, pois “estamos morrendo, é preciso fazer algo agora, e é urgente”.

A entrevista que segue é o resultado de duas etapas. A primeira ocorreu por meio de discussões sobre representatividade trans e liberdade artística, recorrendo-se a matérias jornalísticas e repercussões da peça *O Evangelho segundo Jesus, Rainha do Céu*, com o objetivo de efetivação do encontro com Renata Carvalho. A segunda etapa se deu no contato com a atriz, que ofereceu elaboradas respostas ao conjunto de perguntas.

A entrevista se concentra em duas questões inter-relacionadas. Em primeiro lugar, o interesse pela importância do trabalho da atriz e pelo modo como ela espera que ele seja entendido. Quais são suas reivindicações políticas e artísticas? Em um segundo momento, a entrevista se concentra no significado da noção de “abjeto”, que segundo Renata Carvalho só será “quebrado a partir do momento que este corpo transgênero for inserido fisicamente na sociedade, quando estes corpos trans estiverem presentes”.

Urbano Lemos Jr. (ULJ)/Vicente Gosciola (VG) – Gostaria que falasse um pouco da sua experiência no teatro.

Renata Carvalho (RC) – *Neste ano completo 22 anos de carreira – sou atriz, diretora e maquiadora. Minha formação artística acontece na minha cidade natal, Santos, litoral de São Paulo. Minha transição acontece com o meu fazer artístico como ator. A minha feminilidade fora dos palcos me impedia de fazer personagens “másculos”. Me torno diretor por falta de trabalho, transicionando neste período, tornando-me diretora, voltando à cena como atriz em 2009 no espetáculo Nossa vida como ela é..., baseada nos contos de Nelson Rodrigues. Fundo em 2002 a Cia. Ohm de Teatro, dirigindo-a por 10 anos. Em 2012, estreio meu primeiro monólogo Dentro de mim mora outra, onde conto minha travestilidade e vida. Em 2013, entro no grupo O Coletivo, na cidade de Santos, agora como atriz, fazendo os espetáculos ZONA! e Projeto Bispo. Atualmente, estou em cartaz com o monólogo O Evangelho segundo Jesus, Rainha do céu. E em 2017, fundo com outros artistas trans o Movimento Nacional de Artistas Trans (Monart), – e dentro dele o manifesto²*

2. O manifesto *Representatividade Trans* foi criado em setembro de 2017 por artistas transgêneros e está disponível em: <https://www.facebook.com/RepresentatividadeTrans/posts/1996303693972530>.

Representatividade Trans e o Coletivo T, que é o primeiro coletivo artístico formado integralmente por artistas transgêneros.

ULJ/VG – Quando, exatamente, você decidiu que seria atriz?

RC – Desde pequena me identificava com a arte de interpretar; fazia cenas nos espelhos. Em 1996, vi um anúncio no Diário Oficial de Santos de um curso de iniciação teatral com Walter Rodrigues, no Teatro Municipal de Santos, daí me inscrevi e não parei mais. Teatro é mágico, é lúdico, é transformador, transformou a minha vida. Eu respiro teatro, e sem ele não sei viver.

ULJ/VG – Como surgiu a ideia de fazer O Evangelho segundo Jesus, Rainha do Céu?

RC – Fiquei sabendo deste espetáculo através de um anúncio no Facebook: Projeto Transbiografia. Procuo na época duas atrizes trans e me inscrevo. Recebo um e-mail pedindo que eu faça um vídeo com um trecho do texto. Depois me encontro com Natalia Mallo, diretora e tradutora do espetáculo, e ali fico sabendo que fui selecionada e faria um monólogo, isso é meados de setembro de 2015; estreamos em agosto de 2016 no Filo, o Festival Internacional de teatro de Londrina.

Figura 1 – Renata Carvalho na peça O Evangelho segundo Jesus, rainha do céu



Foto: Luciane Pires Ferreira

ULJ/VG – No ano passado sua peça foi proibida pela Justiça de realizar sua segunda sessão no Espaço Cultural Barroquinha, em Salvador. Como você encara essa ação?

RC – *Primeiro fomos censuradas na cidade de Jundiaí, no interior de São Paulo, no dia 15 de setembro. Depois sofremos essa outra censura no dia 27 de outubro em Salvador. Mas vale lembrar que o espetáculo sofreu tentativas de censura em todos os lugares que foi apresentado, exceto São Paulo, Santos e Belfast, na Irlanda do Norte. Por que será que no Brasil só cidades como São Paulo e Santos não sofreram ataques? Precisamos conversar/ dialogar sobre travestilidade e transexualidade. Precisamos ter o entendimento de que vivemos numa sociedade pautada pela corporeidade e que o corpo trans está entre outros corpos abjetos, excluídos, marginalizados, que não se encaixam nesse padrão Cis-heteronormativo. A religião tem um posicionamento público de exclusão, inclusive patologizante, que reforça drasticamente a exclusão do corpo trans na sociedade – um corpo fetichizado, sexualizado e risível, transformando nossas identidades e vivências em estereótipos e caricaturas. Isso se deve à exclusão total desses corpos do convívio em sociedade – fomos censuradas inclusive pelo Estado, com operações como “Comando de caça aos gays” e a “Operação Tarântula” que prendiam e assassinavam travestis, que não podiam ao menos caminhar pelas ruas. Todas essas décadas de exclusão e marginalidade fortaleceram a criação de lendas, estranhamento, desconforto, preconceitos e muitos e muitos estigmas, jogando cerca de 90% da nossa população para a prostituição e deixando a expectativa de vida de uma travesti em 35 anos neste país, o que mais mata travestis no mundo. Tudo isso será quebrado a partir do momento que o corpo transgênero for inserido fisicamente na sociedade, quando estes corpos trans estiverem presentes. Por isso reivindicamos a representatividade trans, e representatividade é o ato de estarmos presentes.*

ULJ/VG – A peça foi apresentada com sucesso em Montevideu e em Buenos Aires, com a atriz trans uruguaia Fabiane Fine e dirigida por Natalia Mallo. Como foi a apresentação nessas cidades? Houve algum tipo de censura?

RC – *As apresentações aconteceram em festivais importantes – no Fidae³ e no Fiba⁴ –, com grande receptividade da crítica e do público. Fabiane Fine é*

3. Festival Internacional de Artes Escénicas do Uruguai.

4. O Festival Internacional de Buenos Aires é um dos festivais mais importantes da América Latina. Em 2017 o festival completou 10 anos.

uma atriz talentosíssima no Uruguai, com um trabalho ao longo de 20 anos voltado para população LGBT. É óbvio que não teve nenhum ataque nos dois países – tentativa de censura ou sequer uma revolta na internet: na Argentina e no Uruguai as leis de proteção a crimes LGBTfóbicos são sérias e estão em vigor há alguns anos. É também sabido que nossa transfobia é mundial e estrutural, mas que lá já estão sendo feitas políticas públicas sobre a conscientização e a naturalização da diversidade humana, enquanto nós, por aqui, ainda nem começamos.

ULJ/VG – Qual a importância de falar da corporeidade no teatro numa sociedade pautada por corpos aceitos e os não aceitos abjetos?

RC – *A importância de falar e, principalmente, de ter esses corpos presentes é a efetivação e inclusão desses corpos renegados. Quando uma determinada população não se vê e não se sente representada, a sua existência se desnatura ao longo dos anos, sendo algo incomum, se desumanizando, tornando-se estranho, desconfortável e não real. Quando passamos a conviver diariamente com este sujeito/corpo, que ontem era totalmente estranho, ele cotidianamente passará a ser naturalizado, passa-se a humanizar esse corpo, essa identidade e por fim esta população. A arte coloca estes corpos não mais sendo objetos, e sim sujeitos. A arte nos torna concretas, possíveis e humanas.*

Figura 2 – “O seu fazer artístico inclui ou exclui?”, Renata Carvalho



Foto: Luciane Pires Ferreira

ULJ/VG – Em uma de suas publicações, você se refere ao livro *Transfeminismo – teorias e práticas*, da travesti Jaqueline Gomes de Jesus. Qual a importância desse livro para sua formação e empoderamento artístico?

RC – *Este livro nos mostra, nos joga na cara toda a questão da corporeidade, de como nossa sociedade é pautada em cima desses corpos, o quanto nosso sistema é patriarcal, capitalista, elitista, classista, machista, racista e LGBTfóbico. Essas questões estão interligadas, pois as opressões também estão; temos que falar de interseccionalidade; não podemos nos dar ao luxo de lutar só por uma opressão, pois terão outras que nos pegarão lá na frente. Tive contato com este livro quando, na minha pesquisa no teatro, passei a questionar o meu corpo trans dentro da arte, já que o fato de eu apenas existir como uma travesti me empurrava cada vez mais pra fora do teatro e de todos os outros lugares da sociedade. Como atriz, fiz o que faço com qualquer outro tema/peça ou personagem: fui estudar essa minha população, fui atrás dessas histórias e existências, o que chamo de Transpofagia. Jaqueline analisa de forma precisa o corpo transgênero dentro da sociedade, de diferentes ângulos e formas. Ela nos mostra esse corpo trans dentro de um dos lugares mais abjetos de nossa sociedade – um presídio, e mesmo lá esse corpo é renegado; traz reflexão quando aponta que a corporeidade, e todos os seus pré-conceitos atrelados, não chega à população com deficiência visual. Será que vivemos numa sociedade de cegos que enxergam? Ou devido a nossa vidência nos tornamos preconceituosos?*

ULJ/VG – Como se dá a representatividade trans no teatro hoje em dia?

RC – *Esse ainda é um assunto que causa desconforto para o fazer artístico e artistas, pois a cisgeneridade sempre nos retratou das mais variadas formas, contribuindo muito para a exclusão da população trans. Quando finalmente nos organizamos e nos unimos com um discurso uníssono – Chega de Trans Fake⁵ –, logo assusta. E é para assustar, estamos morrendo, é preciso fazer algo agora, e é urgente. Somos questionadas de várias formas sobre a tal “liberdade artística”. Mais liberdade para quem? Convidamos todos a ler nosso manifesto Representatividade Trans. Precisamos dos cisgêneros nos apoiando e nos fortalecendo, pois sem eles não conseguiremos adentrar em*

5. *Trans Fake* é a prática de escalar pessoas cisgênero para interpretar personagens transgênero.

espaços que não foram nem estão preparados para nos receber. Trazemos a pergunta: O seu fazer artístico inclui ou exclui?

ULJ/VG – No dia 5 de janeiro aconteceu em Belo Horizonte uma manifestação após um ator cisgênero ocupar a programação do CCBB Belo Horizonte no papel de uma trans. Qual a importância de se discutir Trans Fake na atualidade?

RC – *É importantíssima, a nossa população vem sofrendo um genocídio trans, e o pior: com a chancela do Estado. Nossa segunda causa de morte é o suicídio – a população trans desiste da vida com tantas retaliações de direitos e exclusões. Queremos colocar em discussão por que nossas vivências são de tanta comoção no meio artístico, e nossa presença, não é? Precisamos de exemplos concretos, precisamos humanizar e naturalizar nossas identidades e nossa presença, mas isso só será possível com o corpo trans presente e representado, já que a representatividade de um coletivo levanta sua autoestima, legitima sua identidade e reafirma sua existência.*

ULJ/VG – O que é ter um espaço de fala quando falamos em arte?

RC – *É ter o reconhecimento e o entendimento do nosso privilégio; quando isso acontece sabemos nosso lugar de escuta. Quando se tem alguém que fala e outro que escuta, está aí, o teatro aconteceu. Precisamos de espaço, de voz, e não apenas de reproduções Trans Fake.*

ULJ/VG – Segundo alguns dos dados divulgados pela ONG Grupo Gay da Bahia (GGB), de janeiro até maio de 2017, a cada 25 horas, ao menos um assassinato de algum membro do grupo LGBTQIA+ foi confirmado. A que você atribui esses dados?

RC – *À marginalização, à exclusão, à religião, ao machismo e a essa estrutura patriarcal. A cada 48 horas uma pessoa trans é assassinada, isso falando de números que o movimento organizado alcança, fora os que não são registrados, as pessoas trans que não são contabilizadas, as que morrem como gays, entre tantos outros casos. Somos o país que mais assassina essa população, a que mais consome pornografia trans e procura no Google temas relacionados à nossa população. São décadas de estigmatização e estereótipos. Muita coisa para desconstruir, e precisamos começar urgentemente.*

ULJ/VG – Quais ações políticas poderiam ser realizadas no âmbito cultural para o aumento dos discursos minoritários?

RC – *Políticas de inclusão, empatia e escuta. Imagina se editais como o Proac⁶, Funarte⁷, CCBBs, Caixas, entre outros, incluíssem nos seus regulamentos que não seriam mais aprovados projetos com Trans Fake ou Black Face⁸, em todos os estágios e formas, pois a hétero-branco-normatividade evolui na forma de continuar a perpetuar a mesmíssima coisa. Ou se o Sesc e o Sesi parassem de contratar para suas programações espetáculos sem representatividade, como isso não iria mudar a realidade do nosso fazer teatral rapidamente. Precisamos lutar contra essa binariedade forçada que nos é imposta. Para isso precisamos existir e reexistir. Precisamos nos reconhecer, nos fortalecer de sororidade⁹, paridade e equidade.*

Referências Bibliográficas

- BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- GOSCIOLA, V. et al. @julietacapuleto: transmediando Shakespeare en la cultura digital. **Razón Y Palabra**, [S.l.], v. 21, n. 2, p. 45-64, 2017.
- LOURO, G. L. Currículo, gênero e sexualidade: O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, G. L.; GOELLNER, S. V.; FELIPE, J. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na Educação. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 41-52. v. 1.

Recebido em 08/02/2018

Aprovado em 16/07/2018

Publicado em 25/10/2018

-
6. O Programa de Ação Social é um projeto de lei da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo que viabiliza a ampliação e a diversificação na produção artística por meio da captação de patrocínio junto a empresas que, depois, poderão descontar o valor desse investimento do ICMS devido.
 7. A Fundação Nacional de Artes é um órgão vinculado ao Ministério da Cultura, responsável pelo desenvolvimento de políticas públicas de fomento às artes.
 8. Black Face se refere à prática teatral de atores brancos que se pintavam com carvão para representar personagens afro-americanos de forma exagerada, geralmente em shows norte-americanos.
 9. Sororidade é a união e aliança entre um determinado gênero em busca de alcançar objetivos em comum e igualdade.